

ATIVIDADE FÍSICA, ESPORTE DÊS-INTEGRAR Ou INTEGRAR? UMA REFLEXÃO DESDE A CONFORMACION DO SUJEITO

Mg EDWIN ALZATE BARÓN*
JORGE IVÁN RODRÍGUEZ PEÑA**

Universidad de Cundinamarca, Programa de Ciencias del Deporte.
Soacha, Cundinamarca, Colombia

siempreeducando@yahoo.com, rodripe9@hotmail.com

Introdução.

O esporte tem um papel preponderante na construção das organizações sociais, já que através dele se gera a possibilidade de re-estabelecer as relações com o outro, com o meio. Para isso é importante delimitar a maneira em que se constituíram as relações sociais a partir das novas realidades corporais que se emolduram nos processos de virtualidade automatização. Desde esta perspectiva é possível ver como o esporte e as atividades físicas se converteram em palcos de desumanização e dêS-integração social. A saída a este problema se consegue ao reconstruir as relações que o sujeito tem com seu meio e com o outro, através dos elementos de integração, construção social e comunitária que brinda o esporte. A possibilidade de re-instituir-nos socialmente é possível na construção de um esporte comunitário, um esporte que permita construir comunidade.

A racionalização da vida moderna mostra um novo entendimento da ação humana baseada na idéia do autodomínio, o surgimento de valores como a auto-responsabilidade, a dignidade e a liberdade começam a ser percebidos como elementos constituintes da natureza humana que sempre têm estado aí, "filósofos e cientistas mostraram de maneira constante a centralidade que o indivíduo possui no mundo, convertendo à modernidade num constructo que interpreta a vida de maneira homogênea e linear"(Aguirre, 2006).

A objetividade se converte numa tentativa por totalizar a mirada que remete a um objeto exterior, o conhecimento é entendido como uma totalidade que se encontra no interior do sujeito, desta maneira mecaniza o mundo e a cultura, unificando o espaço-tempo; assim, o papel que desempenha o conhecimento é de controle, unificação e legislação, fazendo que a experiência do sujeito se volte objetiva. O afã de construir uma teorização global-unificada, sacrifica a singularidade do sujeito em pró de uma totalidade cuja essência se encontra despersonalizada, primando os saberes determinados pela intelectualidade e o conhecimento científico, em detrimento dos outros saberes que constroem a realidade de maneira diferente (Aguirre, 2006). Apartar-se da razão universal implica não poder dar conta das possibilidades de ser no mundo, esta sentença aniquila a existência de um mundo estranho e hostil.

O reclamo de uma autonomia individual se converte em individualismo e alienação, que culmina em dependência e falta de autonomia, ¡paradoxo moderno! Como sair desta encruzilhada?, o homem livre é o que se encontra consagrado ao próximo; sem ter em conta aos outros, não é possível salvação alguma. A responsabilidade que o homem tem para outros homens rompe o critério de univocidade sobre o que se erige a modernidade, relegando a coesão social; o estranho, o outro, o diferente, estes últimos entendidos aqui como o que dá que e como pensar.

Se existem outros que sofrem e interpelam ao outro desde sua dor, pode existir a subjetividade. O problema deixa de ser o sujeito e suas possibilidades de conhecimento, e se converte na maneira em que o indivíduo é capaz de construir ao outro. Este processo deixa de ser uma

* Decano (e) Facultad de ciencias del Deporte y Educación Física, Universidad de Cundinamarca.

** Coordinador del Programa De Ciencias del Deporte y la Educación física, Universidad de Cundinamarca.

construção natural, para converter-se num envolvimento cultural: imposição auto imposta que obriga a que os sujeitos se tenham em conta uns a outros, como humanidade (Piola, 2004).

I. O espaço-tempo, a conformação do sujeito como palco de dê-s-integração

Na modernidade o processo tecnológico transformou a concepção do corpo a partir das modificações das noções de espaço e tempo, trasladando os elementos que conformam o local e o global. “A distância perde seu significado” (Bauman, 2001:28), já que o longínquo se volta próximo e o próximo se faz longínquo, desde esta perspectiva a noção de corpo passa por três momentos, o corpo de produção, o corpo de consumo e o corpo virtual.

Os processos de industrialização construíram um corpo disciplinado, resistente, adaptado para suportar os ônus do trabalho, este modelo de corpo representa o corpo da produção. Por outra parte, o hedonismo, o narcisismo entra a ser parte dos elementos de construção social e cultural em torno do corpo. Estes elementos configuram uma nova concepção de corpo. Um corpo preparado para os excessos, que deixou de lado a competição, um corpo individualizado, preocupado por seu auto bem-estar, o corpo do consumo. Em último lugar aparece o corpo virtual, em onde as relações sociais e interpessoais se encontram mediadas por uma tela, não nos relacionamos com os que estão perto porque nos molesta seu cheiro, sua presença, preferimos relacionar-nos com o que está longe. Neste processo, a comunicação transcende as barreiras existentes, mas a necessidade real de comunicar-se se rompe, em tanto a comunicação não comunica, tendo em conta que os elementos próprios da comunicação perdem o sentido na condição virtual das atuais relações sociais.

Quando a noção de espaço entra em jogo com a noção de movimento, os seres humanos modificam seu “estar”, a comunidade tradicional se voltou comunidade virtual, deixando o público e sua construção num segundo plano. Assim, o “lugar” como palco de apropriação dos sentidos, o reconhecimento do outro para a construção coletiva de significados, perde-se.

Desde esta perspectiva, emerge **um sujeito sem materialidade corporal**, tendo em conta que o deslocamento físico deixa de ser necessário para habitar o mundo, já não é necessário um “aqui” um “agora”, a presença imaterial se converte em elemento central, a ausência na presença da tela se antepõe à ocupação dos corpos no espaço real. Desta forma o **corpo físico**, é relegado pelo **corpo virtual**, fazendo que a construção da corporeidade seja reduzida a um entendimento tecnológico etérea, na que a automatização alimenta de outra maneira a conformação do ser humano.

O próximo se desvanece para converter-se no próximo¹, controlado a partir da imagem no monitor, uma espécie de claustro no que o encerro voluntário se antepõe à construção de comunidade em seu sentido amplo. O espaço público, no qual era possível reconhecer e reconhecer-se, desvaneceu-se, limitando o uso dos espaços físicos, a virtualidade faz difícil construir uma civilidade do meio urbano, a pratica individual se constitui como elemento primordial da coletividade. Um lugar sem lugar, habitado, mas desabitado, fechado, ao não estar outro que o habite; desta forma a alteridade, como elemento essencial, desvirtua-se ao não ter um **“corpo social”** que a constitua. Um exemplo, que ilustra o processo de virtualidade da corporalidade pode ver-se no ciclismo: um sujeito pode ter três opções diferentes para praticar este esporte, por uma parte pode realizar percursos que lhe permitam conhecer e reconhecer seu território relacionar-se com outras pessoas, desfrutar da paisagem, não existe nada que lhe impeça deter-se a contemplar um lugar que lhe agrada, desde esta perspectiva o sujeito constrói uma relação com seu território, com a comunidade que compartilha esse

¹ “Uma ameaça se materializa, é também a concretização da esperança de Nietzsche, que joga no reverso reverter a sentença do Cristo: Amai a vossos remota como a ti mesmo” (Virilio, 1997)

território; por outra parte, pode ir a um ginásio, realizar uma classe de spinning, aqui, a relação com o território desaparece, constroem-se simulações de acesso e descenso que permitem estimular o ritmo cardíaco, a atitude contemplativa (externa) transforma-se numa atitude imitativa e introspectiva (interna), na que não existe uma paisagem que possa ser contemplado, o sujeito concentra seu atendimento em levar o mesmo passo que levam os outros, em realizar os movimentos de maneira uniforme, em medir de maneira constante seu ritmo cardíaco, seu objetivo se encontra encaminhado a determinar quantas calorias queima durante a realização do exercício, em procurar a homogeneidade motriz, todos os que realizam a prática desportiva, param-se ao mesmo tempo, aceleram ao mesmo tempo, diminuem a velocidade, desta forma a construção social se faz plana, imitativa. Por último, é possível que o sujeito adquira uma bicicleta estática e um simulador, que lhe permita realizar sua prática desportiva sem sair de casa, desta forma a relação com o território desaparece, ao igual que a relação com o outro; sua relação se limita a uma tela, é ela a que lhe constrói o território, a que gera os parâmetros da atividade desportiva reduzindo toda possibilidade de relacionar-se com outros, com o meio. A conformação de sujeito e a concepção de corpo se constituem a partir da **imagem como exemplo determinante da construção corporal**, emoldurados no cuidado e o atendimento de si mesmo, onde a preocupação se estabelece na construção individual.

A este respecto (Fonda,1981) assinala: “a instrutora se oferece a si mesma como exemplo... mais do que como autoridade...a instrutora possui seu corpo através da identificação com uma imagem que não lhe é própria...”(citado por Bauman, 2009:72) Desta forma, o elemento central da construção corporal se encontra delimitado por um modo corporal de ser e estar, no qual não se é um mesmo, senão a representação de um “outro ideal”, a moral é determinada de maneira vazia, já que se estabelece desde o indivíduo a partir de seu corpo como produto, em onde “ as imperfeições de meu corpo são minha culpa e minha vergonha”(et ao, 2009:76).

Ser **objeto de desejo** é o ideal numa sociedade que antepõe um conceito de “beleza” com o pretexto do auto-cuidado² unido à “saúde”³, determinados pelo exemplo mediático, uma espécie de ser-parecer, individual; conformado a partir de uma imagem pública. Um vício não reconhecido no comum, **o corpo como templo de consumo**, no que se satisfaz a necessidade de uma “**identidade adequada**”.

O exercício, segrega o humano na medida em que **o desenvolvimento individual hedonista alimenta o egocentrismo**, construído desde a perspectiva do encerro de si mesmo, o capital como construção cultural a partir do **culto à estética corporal** desintegra a comunidade em seu sentido estrito, um reducionismo que extravasa o entendimento das realidades sociais e humanas que constituem as sociedades latino americanas e caribenhas.

II. **O esporte como alternativo de restituição do espaço e o tempo para estabelecer novos processos de humanização.**

O esporte como construção social atravessou por vários estádios que permitiram estabelecer diferentes significações a partir do desenvolvimento cultural dos povos. A consolidação de processos hegemônicos que estabeleceram formas de fazer-ver esta atividade. Por ser construção social, as atividades desportivas, recolhem elementos essenciais frente ao cultivo

² Preocupações de auto-atendimento entrar em forma, no sentido ideal de estar em sintonia, o grande problema é provar que é estar em forma e não deixando claro que o ideal não é adequada.

³ “Saúde, bem como outros conceitos normativos da sociedade de produtores, acompanhar e proteger a fronteira “normal” e “anormal”. Saúde é o estado de direito e desejável da mente e do corpo humano, um estado que (pelo menos em princípio) poderia ser descrita mais ou menos precisa e mais apreciada com precisão. Refere-se a uma condição física ou mental que atende as demandas da sociedade do papel foi atribuído ... Ser saudável e significa, na maioria dos casos, “para ser empregável”. (Bauman, 2009:83)

do humano na possibilidade de potenciar-se ou subsumir se desde os componentes que constituem o humano.

O esporte como construção social atravessou por vários estádios que permitiram estabelecer diferentes significações a partir do desenvolvimento cultural dos povos. A consolidação de processos hegemônicos que estabeleceram formas de fazer- ver esta atividade. Por ser construção social, as atividades desportivas, recolhem elementos essenciais frente ao cultivo do humano na possibilidade de potenciar-se ou subsumir se desde os componentes que constituem o humano.

O esporte como ideal tem estado unido à construção do moral no sentido estrito, esta concepção tem estado arraigada aos processos educativos básicos da formação do caráter, a vontade, a estruturação de um **“eu robusto”**⁴ capaz de enfrentar a vida com uma independência equilibrada, e a construção da dimensão cultural a partir do reconhecimento de si mesmo e de seu meio físico e social como **ser corpóreo**. Daí que o esporte, desde a pedagogia, contribui para o manejo da frustração, em tanto sua prática favorece o conhecer-se a si mesmo identificando limitações e possibilidades de ser-e estar no mundo.

Ao respecto José María Cagigal assinala “...O esporte... aparte de suas bem-aventuranças de aprendizagem motora, de desenvolvimento de habilidades, de adaptação orgânica ao esforço, tem sobretudo esse grande valor de aprendizagem antropológica: conhecimento da realidade (se se quer, não de toda a realidade, senão de uma realidade; mas parte integrante da restante). Não se pretende afirmar que aprendendo esporte se aprenda tudo...Aprendendo esporte se aprende concretamente só a fazer esporte. Mas como isso significa...aprender a ceder a relacionar-se... e posteriormente, a experimentar uma vivência prazenteira de lucro, de derrota; facilitou-se um esquema geral de padrões de vida, aptos para outros âmbitos do afazer humano”. Deste modo a prática desportiva recolhe elementos nocionais que conformam a existência humana em seu conjunto, sendo desta forma possibilidade de assimilação e conformação.

O esporte se converte num integrador do mundo interior do sujeito, o mundo físico no que habita, e o mundo social ao qual pertence. O esporte é uma experiência humanizadora que permite ao sujeito reconstruir seu “aqui e agora”, devolvendo as condições espaços-temporais que desaparecem com os processos de virtualidade e tecnificação; mas esta apropriação não é só uma re-instauração, se não que emergem novos elementos (Ej: as novas redes sociais que se constituem a partir as práticas desportivas como o parkour⁵ e a patinagem de rua). Os esportes contemporâneos e as práticas desportivas comunitárias se mostram como um exemplo desta restituição.

O sujeito volta a sentir a necessidade de re-conhecer seu território a partir de sua experiência própria, é o lugar que habita o que lhe permite reencontrar-se com seu espaço e seu tempo, voltar à natureza, re-encontrar os parques, os lugares. A apropriação do espaço público devolve ao sujeito a confiança no território, mas essa possibilidade só se consegue se esse espaço se restabelece a partir do reconhecimento do outro, o jogo se ritualiza ao significar as relações humanas de outra maneira, o estabelecimento de espaços lúdicos enriquecem a

⁴ José María Cajigal cunhou o conceito "Eu robusta" como a base para a aprendizagem da vida em que os princípios da liberdade iniciado a partir da formação do caráter, a possibilidade de exercer o controle de si mesmo marcado sobre o saldo dá aprender a viver.

⁵ "Parkour, também conhecido como l'art du déplacement (em Português: arte do deslocamento) é uma ciência ou filosofia que está para se deslocar de um ponto a outro da forma mais tranqüila possível, usando principalmente as habilidades do corpo humano." Taken De <http://es.wikipedia.org/wiki/Parkour>.

construção de comunidade a partir do desfrute da vida, emergindo os elementos próprios da diversão, é importante ressaltar que estes elementos surgem de maneira desinteressada e gratuita fraturando e dissolvendo o medo e o temor que se estabelece com a virtualização das estruturas sociais.

A existência da potência de fazer, expressa a maneira em que os seres humanos são considerados como seres ativos, isto é que se se comportam de maneira passiva sua potência se verá diminuída causando temor e medo; pelo contrário, se atuam, sua vontade aumenta proporcionando felicidade. Na atualidade muitos seres humanos têm uma preocupação pelo jeito que o homem estabelece relações com o meio natural, mas ao mesmo tempo são incapazes de abandonar os “maus” hábitos que deterioram esta relação, esta passividade que implica ao temor e ao medo deve ser combatida com a construção de relações ativas. A vida “propriamente humana, não se define pela circulação do sangue e a realização de outras funções comuns aos animais, senão pela razão, a virtude do alma e a vida verdadeira” (Spinoza, TP, V, 5), uma “vida verdadeira” é uma vida cuja potência tem um caráter ativo e afirmativo.

Quando o ser humano atua de maneira criativa e livre está sendo determinado por sua própria natureza. Em consequência, é-se livre na medida em que a potência de fazer leva ao homem a construir relações ativas com o meio que o rodeia, mas esta atividade não pode ser entendida em termos biológicos senão racionais, e esta racionalidade conduz a um máximo nível de realização ao que pode chamar-se ativismo.

O surgimento das novas práticas desportivas é um claro exemplo da maneira em que se reconstrói o sentir humano a partir do ativismo. Quando as e os jovens decidem utilizar os parques para realizar práticas como o parkour, estabelece-se uma nova dimensão do espaço, já que o mobiliário do parque se converte num espaço criativo onde os jovens podem explorar e desenvolver o potencial corporal que possuem, ademais se estabelece novos tipos de relações humanas, a prática desportiva se converte em desculpa para encontrar-se com o outro, constroem-se redes sociais a partir das afinidades desportivas. Do mesmo modo sucede com os anciãos, quando eles decidem agrupar-se para realizar uma prática desportiva, não o fazem unicamente com o propósito de melhorar seu estado físico, a atividade física se converte numa desculpa para encontrar-se com outros e conversar, o esporte adquire um caráter lúdico que permite ritualizar as relações humanas, estabelecem-se os momentos e lugares para que o sujeito se encontre com os outros.

Em conclusão e parafraseando a Cagigal, quando se pratica esporte só se aprende a fazer esporte, mas o conjunto de relações sociais, afetivas, e territoriais que subyacen a estas práticas são elementos que nos humanizam, o esporte nos faz humanos ao fortalecer as relações que o sujeito estabelece com o meio, com os outros e consigo mesmo.

Bibliografia

- Aguirre, Juan Carlos, (et ao). O outro em Levinas: uma saída à encruzilhada sujeito-objeto e sua pertinência nas ciências sociais. Em Revista Latinoamericana de Ciências Sociais, Menince e Juventude. Julio-dezembro. Vol. 4, Nº 2. Universidade de Manizales. 2006.

- Bauman, Zygmunt. Modernidade Líquida. México: Fundo de Cultura Económica, 2003. - Cagigal, José María. Cultura Intelectual e Cultura Física. Buenos Aires: Editorial Kapelusz, 1979.

- Piola, María Eugenia. Da paixão por “um mesmo” à obsessão pelo outro, comentários sobre a ética de Emmanuel Levinas. Em Utopia e Praxe Latinoamericana. Vol. 9, Nº 25. Universidade de Zulia. 2004. Págs. 121-128. - Spinoza, Baruch. Tratado Político. Madri: Aliança, 1986.

- Virilio, Paul. O cibernundo ou a política do pior. Madri: Cátedra, 1997.

Autores do livro

Endereço: Cra 79f 45-20 sur Bloque 17, apartamento 512. Bogotá, Colombia

Telefone: 01157(1)4541214